



AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO DO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE EM UM ABRIGO PARA MENINOS

Jaciara Oliveira Leite¹
Ana Márcia Silva²

A vida em uma instituição para crianças e jovens possui especificidades daquela realidade que é constituída também por questões macro sociais como a desigualdade social, o abandono e a violência. Tais questões se materializam no cotidiano, sobretudo, a partir da educação do corpo³ e relacionam-se com esferas importantes para a formação humana, como a construção do gênero e da sexualidade.

Assim, este trabalho⁴ objetivou discutir as relações entre educação do corpo, gênero e sexualidade no contexto de um abrigo para crianças e jovens do gênero masculino. Buscando responder o objetivo optou-se por uma metodologia de tipo etnográfico, baseada em um estudo de caso em uma casa-lar localizada no Município de Florianópolis que atende a meninos de 6 a 21 anos de idade. Para melhor apreensão da realidade foram utilizadas as seguintes técnicas e instrumentos de pesquisa: observação participante com registro em diários de campo, grupo focal e entrevistas.

O gênero, com base na perspectiva pós-estruturalista de Louro (2003), é estabelecido socialmente. Esta perspectiva não desconsidera as diferenças biológicas de cada sexo, mas, privilegia os símbolos e valores atribuídos a estas diferenças e que delineiam o que é ser homem e ser mulher em um dado contexto histórico-social. A sexualidade, da mesma forma, é produzida socialmente, pode-se entendê-la como manifestação: “[...] a forma como vivemos nossos prazeres e desejos, os arranjos, jogos e parcerias que inventamos para pôr em prática esses desejos que envolvem corpos, linguagens, gestos, rituais” (LOURO, 2008, p. 2).

¹ Mestra em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: jacifef1@yahoo.com.br

² Professora da Universidade Federal de Goiás e Professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Em linhas gerais, entende-se educação do corpo, com base em Taborda (2006), como um conjunto de dispositivos, discursos, práticas e saberes, referentes a formulações de normas de higiene, de saúde, de definição de espaços e tempos, de uso de materiais e equipamentos, de desenvolvimento de rotinas e rituais que constituem a corporalidade de cada sujeito.

⁴ É parte da dissertação de mestrado intitulada “A educação do corpo de crianças e jovens: um estudo de caso do cotidiano de um abrigo”, orientada pela Prof. Ana Márcia Silva. Mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFSC. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da universidade.



No cotidiano de um abrigo para meninos, as características que sustentam a construção sócio-histórica, hegemônica, acerca do gênero masculino, ficaram evidentes. Eram reafirmadas com frequência e mantinham linha tênue com a sexualidade.

O gênero é um elemento forte na identidade dos sujeitos. No segundo Grupo Focal realizado na pesquisa os meninos desenharam-se uns aos outros em duplas e, depois, cada um caracterizou o desenho de si mesmo. Marcadamente o gênero era ali materializado com muitos dos desenhos enfatizando a genitália masculina.

Observando a realidade, fui percebendo que a concepção de ser menino que perpassava era a de ser forte, bravo, violento, heterossexual, nada muito diferente da visão do senso-comum e midiática para se afirmar um modelo a ser seguido de masculinidade:

Na mesa ainda, Antônio afirma que Manoel o está ensinando a ficar forte. Neste contexto da conversa chega Monteiro, e A. chama a sua atenção dizendo que ele não sabe brincar porque ele chora (ontem ele chorou durante uma brincadeira que presenciei), e Antônio comenta que ele próprio não chora, Monteiro diz que chorou porque o amigo bateu forte. A. faz um comentário: - Chorou porque tem que ficar mais forte neguim, é porque tá fraco (DIÁRIO DE CAMPO 4, 14/04/2009).

Acerca da manifestação da violência física, presenciei certa vez uma briga mais séria entre dois meninos, com murros e pontapés (DIÁRIO DE CAMPO 15, 15/05/2009), e outras vezes, especificamente, o mesmo menino, que era um pouco maior, implicava batendo em outro que era o mais novo da casa. As expressões de violência ficavam mais no âmbito da brincadeira, através da “lutinha”⁵ e da oralidade com o uso de “palavrões” e ameaças que, das poucas vezes em que eu presenciei, não se concretizaram, pois havia a intervenção de adultos ou por estar claro para os próprios meninos que eram somente promessas.

Grossi (1995) a este respeito discute que na constituição do gênero ainda na infância costuma-se vincular a idéia de que os meninos são mais ativos e hiperativos que as meninas, o que frequentemente se confunde com atitudes de agressividade. A construção social de gênero atribuiu à educação masculina a esfera da violência como inerente, instintiva forma de manifestar os sentimentos, enquanto as emoções devem ser controladas. Faz parte da educação do másculo a brutalidade, a raiva, seja nas brincadeiras como nos diversos espaços do cotidiano (ARAÚJO, 2008).

Dado importante da casa-lar é que os monitores que cuidam dos garotos no período da noite são do gênero masculino, acredito que na idéia de que podem melhor vigiar e cuidar. Em uma das entrevistas, há um relato que diz que seria interessante se na casa tivesse, além da

⁵ A “lutinha” pode-se dizer é uma brincadeira que remete ao simbólico da luta física com dois ou mais sujeitos envolvidos. Por vezes, quando alguém se machucava o caráter lúdico perdia sentido e a brincadeira logo se encerrava, mas claramente os sujeitos sabiam até que ponto poderiam ir para não se ferir ou ferir os demais.



cuidadora/educadora durante o dia, alguém também do gênero masculino, para que os meninos tivessem contato com as duas referências no dia-a-dia. Mas, quais seriam essas referências?

Por exemplo, ah organizar o terreno, se tem um funcionário do sexo masculino aqui, pode tá junto com eles fazendo isso, e isso é importante. Ah, hoje nós vamos lavar a Kombi, vamos juntos lavar a Kombi, ah hoje nós vamos capinar ali o campo pra gente jogar um futebol, ah hoje nós vamos trocar aquela lâmpada lá, tu vai me ajudar, entendeu? Isso eu acho que é importante. Porque eles vêem muito o serviço feminino. Que é o que, não digo que é feminino, claro que hoje né... Mas, é porque eu digo assim, eles não têm essa visão, ah vamos trocar uma lâmpada... A única visão deles é só do sexo feminino, que é aquele trabalho: é lavar, secar, dobrar roupa e recolher roupa e estender roupa, sabe? É essa a função assim... eu acho isso importante, porque eles acabam ficando muito malandros... (ENTREVISTA S., 2009, 23/06/2009).

A concepção de homem e mulher apresentada, parece estar baseada na oposição de papéis ligados à execução de tarefas que reforçam a noção de que masculinidade relaciona-se a força, portanto, da necessidade do exemplo dito masculino para os meninos. Assim, atrelam-se a cada sexo, as técnicas corporais⁶, como se estas não fossem possibilidades do gênero humano de uma forma geral.

Os valores atribuídos ao homem em uma sociedade marcada pelo machismo eram reproduzidos nos discursos dos garotos e dos funcionários, em sua maioria, e fundamentavam-se na provocação da dúvida quanto a tal masculinidade num tom de brincadeira e ironia. Isto era feito através de expressões de comparação com aspectos ditos femininos, como a sensibilidade, mas no sentido de desqualificação da mulher como em: “homem não chora” “parece uma mulherzinha” e “como um monte de meninhas”. Estes elementos indicam que, mesmo em um ambiente majoritariamente masculino e, talvez, para afirmar socialmente suas identidades, permanece a compreensão de uma relação de poder hierárquica entre os gêneros (LOURO, 2003).

Na mesma intenção, inferiorizava-se a homossexualidade que, culturalmente, se contrapõe a um “jeito macho de ser” na sociedade. Para tanto, eram pronunciados pelos garotos, com certa frequência, termos como “veado” e “bichona”. Zalar (2004) e LOURO (2008) fazem a crítica de que a heterossexualidade constitui, juntamente com os aspectos classe média e raça branca, o modelo hegemônico de masculinidade, mas, que de forma alguma é sinônimo desta, como comumente associa-se. O alerta das autoras corrobora com o cuidado que se deve ter ao utilizar os conceitos gênero e sexualidade para se precaver de prováveis reproduções carregadas de preconceito.

É necessário ressaltar que o tema da sexualidade, de forma geral, apresenta-se como delicado em espaços educacionais que lidam com infância e juventude, como a escola, por exemplo,

⁶Técnicas corporais é um conceito de Marcel Mauss que as define como as “maneiras pelas quais os homens, de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (1974, p. 401).



e que no caso de abrigos⁷, a questão é ainda mais complexa e ultrapassa o moralismo e o constrangimento, geralmente, empregados em torno do tema. A violência sexual sofrida por crianças e jovens é considerada na lei como um dos motivos que podem implicar a medida de abrigamento. Desta forma, além da curiosidade e descoberta corporal, os meninos podem trazer um histórico sexual relacionado à violência. Entende-se como violência pelo fato de os sujeitos não terem, ou não tinham quando do ocorrido, discernimento para escolher se desejavam ou não a experiência, ainda que possa ter lhes causado prazer. Configura-se, então, como um desrespeito e abuso a esses seres humanos (Neckel, 2003).

A sexualidade, assim, chega à instituição mais carregada de significados e se mistura à ludicidade infantil. As crianças manifestavam mais a sua sexualidade, socialmente, que os jovens:

Os meninos que mais conversam sobre isso (três deles) parecem não apresentar pudor, vergonha por conta da minha presença. Em alguma medida, naturalizando o assunto, ainda que o tom de brincadeira e as imitações revelem que não é tão natural assim. Na frente do monitor, por exemplo, eles se calam ou mudam de assunto (DIÁRIO DE CAMPO 13, 07/05/2009).

Em determinado momento um dos garotos sentado na cadeira durante o reforço escolar encosta-se na perna da mesa e fica roçando com a genitália nesta parte da mesa, enquanto conversa fica roçando, brincando, parecendo num momento de descoberta e ao mesmo tempo de prazer (DIÁRIO DE CAMPO 20, 28/05/2009).

A sexualidade era nítida também na linguagem. O vocabulário das crianças relacionado à sexualidade era amplo, ainda que tenha sido notório que muitas vezes não sabiam exatamente do que estavam falando, - “filho da puta”, “bater punheta”, “gozar”, “cu” - além dos gestos e movimentos corporais que remetiam ao ato sexual. Geralmente, falavam esses termos quando estavam brincando longe dos adultos da instituição, precavendo-se de possível censura.

Já para os jovens, a questão da sexualidade, quando possível de ser percebida, soava como diferente do que para as crianças. Leva-se em consideração a minha presença, ou seja, uma representante do gênero feminino, o que se acredita poderia inibi-los. Talvez, porque a sexualidade na juventude parecia ganhar outros sentidos, não mais como na infância, caracterizada como um período de descobertas e expressões lúdicas, mas de algo mais íntimo, individual, que se relacionava também a preocupações com juízos e julgamentos de valor. Entretanto, as relações entre sexualidade e o jovem que reside na casa-lar foram comentadas pelos funcionários nas entrevistas: “O menino têm isso bem... tudo é sacanagem pra ele” (ENTREVISTA, S., 23/06/2009).

⁷ A este respeito ver dissertação de Suzana Almeida Araújo “Jovens identificados como autores de abuso sexual: sentidos da violência (2008)



Um episódio

No primeiro grupo focal, quando perguntado aos meninos o que não era permitido fazer na casa-lar uma das respostas foi: “É, é não pode, não pode, não pode, ver revista de mulher pelada aqui! (risadas ao fundo)” (Manoel). Seguida imediatamente da repressão de um dos meninos mais velhos: “Olha o que que o cara me fala!” (Roberto). Ao problematizar o assunto que gerou grande alvoroço e risadas, por aquele tema parecer proibido, poucos participaram. Mas, no terceiro grupo focal, ao retomar à temática, as crianças disputavam para dar sua opinião a respeito, exceto o jovem presente. Indicaram os porquês não podiam ver revista de mulher pelada: “eram pequenos”, “adolescentes não podiam ver”, “só a partir dos 18 anos”, “coisa de adulto”, “era besteira”. Uma das curiosas justificativas foi a seguinte:

Ariano: Só depois que menstruar mesmo. **Mas, menino não menstrua, só menina que menstrua.** Ariano: Mas disse que menino também menstrua. **Não menino não menstrua, só menina.** Ariano: Ô tia, mas meu amigo disse que homem também menstrua. **Não, fala pra ele que só menina que menstrua.** Manoel: Não menstrua. Ariano: Quando a menina começa a fazer 18 anos ela começa a crescer os peito e quando ela vai fazer pipi no banheiro começa a sair sangue. **É antes dos 18 anos Ariano...** (GRUPO FOCAL 3, 13/07/2009).

Pode-se perceber certo conhecimento de Ariano, ainda que confuso, acerca dos processos de desenvolvimento do corpo, mas, que, sobretudo, foi utilizado para tentar argumentar a não permissão da revista. Este mesmo menino, apesar disto, foi um dos primeiros a admitir, com certo orgulho, que já tinha visto algumas vezes as imagens impressas de mulheres nuas. Para as crianças havia uma distância entre o “não poder fazer” e o “fazer”, eles tinham claro que não era permitido, mas isso não os impedia de querer e de olhar a revista, provavelmente instigados, justamente pela diversão do proibido:

Mas vocês lêem mesmo assim ou não lêem? Manoel: Só um dia que nós já vimos aqui a revista, eu e meus amigos. (Ariano faz um gesto de duas vezes). Duas vezes quer dizer (risada de Ariano). Ariano: O Monteiro e o Antônio viu... **Vocês acham legal fazer isso ou não?** Manoel: Não. Ariano: Não, a gente não sabia ainda né Manoel? (risadas) (GRUPO FOCAL 1, 06/07/2009).

Relacionado ao fato aguçador da curiosidade daquilo que não se deve fazer, havia a afirmação de um tipo de masculinidade, sem muitas explicações: **“E por que que você vê?”** Manoel: Eu não gosto de ver homem pelado. **Mas, por que que você gosta de ver mulher pelada?** Manoel: Porque eu gosto (risadas)”. A conversa sobre o assunto foi ficando cada vez mais à vontade, eles disseram quando tiveram contato a primeira vez com esse tipo de revista, quantas vezes já tinham visto, com que frequência viam, variando as respostas de um para o outro. Até chegar ao ponto em que Manoel, que foi quem iniciou o tema, me perguntar: - Eu tenho uma revista de mulher pelada lá em cima do meu guarda-roupa né, Maurício. Posso ir lá pegar tia?! (Manoel). Eu respondi que não era necessário. E ao perguntar ao jovem qual era a opinião dele sobre o assunto e sobre as crianças



ele disse: Não sei, eu acho que cada coisa tem o seu tempo... Eles tão muito avançados com essas coisas (Roberto).

Sobre a resposta de Roberto, importante lembrar que a diferença de sua idade em relação aos demais meninos é considerável, sendo ele o único jovem da casa-lar no final da pesquisa, já que o outro foi adotado. No Grupo Focal 3, uma das respostas indicou que um dos responsáveis pela educação deles era Roberto, indicando que as próprias crianças o vêem como alguém autorizado a educá-los. Ainda que na casa-lar, os adultos deixem claro para ele que não deve interferir na educação dos meninos.

Deste episódio nos grupos focais destacam-se algumas questões. A sexualidade é compartilhada com o grupo, algumas descobertas são em conjunto, como, por exemplo, ver a revista com os amigos. Além disso, a proibição acerca do tema os instigava a querer mais conhecê-lo. Pode-se afirmar que a educação do corpo se dá também entre os meninos, desempenhando papéis diferentes conforme a idade e a experiência e corroborando para a constituição da masculinidade dos mesmos. É importante dizer também, da apropriação por parte dos meninos de um objeto de consumo midiático, acerca de uma concepção de corpo feminino que ajuda em determinada construção de masculinidade, assim, as influências sociais eram cotejadas dialeticamente dentro da casa-lar.

A sexualidade era considerada por todos os responsáveis pela educação dos sujeitos como um dos principais problemas na casa-lar, tanto por estar aflorada nos meninos, como pela dificuldade em lidar com o assunto:

Isso eu acho que é uma grande dificuldade que tem aqui dentro na casa. Eu vejo que tem coisas, assim, que eu não sei o que fazer, o que que eu vou falar nessa hora? (ENTREVISTA N., 30/06/2009).

A dificuldade maior hoje, a gente tem tido curso, tem... com psicóloga, tem... discutido sobre esse assunto muito, discute muito, acho que em geral, é a questão da sexualidade... Que não tem limite de idade... Então praticamente vê que a brincadeira deles é... muitas vezes é, talvez até inocente, mas é muito voltada para a sexualidade deles, então... É uma das grandes preocupações que a gente tem. Por isso que a gente tá sempre... sempre alerta, não pode se descuidar, sempre observando. (ENTREVISTA, M.A., 07/06/2009).

Este “sempre alerta” tinha implicações, pois, em algumas situações que acompanhei ficou a impressão de que qualquer contexto que pudesse, no entendimento daquele responsável, facilitar manifestações da sexualidade poderia ser reprimido para evitá-la. O brincar de cabaninha⁸ e assistir a filme com a luz apagada eram atividades reprimidas, o que já se delineava como dificuldade e também como estratégia para lidar com a questão. Neste ínterim, na tentativa de evitar o assunto

⁸ Fazer uma cabana com algum material como lençol, cadeiras e almofadas e brincar embaixo da estrutura.



sobre sexo, acaba por trazê-lo à tona, “invoca sua presença para negá-lo ou corrigi-lo, ou seja, ajustá-lo à norma” (FRAGA, 2000, p. 151).

Importante destacar que na Casa-lar não parecia haver uma preocupação específica em torno da possível orientação sexual dos meninos, como talvez se pudesse pensar pelo fato de a ONG ter sua origem em uma instituição religiosa, além do ideário negativo difundido no senso comum sobre a homossexualidade. A educação do corpo, no que tange à sexualidade, se dava, especialmente, pela vigilância para que esta não fosse manifesta e vivida pelos garotos. Passava pelos usos do corpo, do que é permitido e socialmente aceito fazer com ele e o que não é. A ênfase dada, com as devidas exceções, era conter o assunto e as expressões de sexualidade como se pudesse ser negada sua existência, ainda que estivesse presente em diversos momentos do cotidiano, especialmente, nas brincadeiras das crianças.

Durante um dos dias na instituição, eu e um dos monitores observávamos os meninos que estavam caçando sapos, uma das brincadeiras prediletas na casa-lar. Enquanto aquela cena se passava a nossa frente, ele comentava da preocupação com aqueles três meninos que estavam distantes do restante do grupo e agora só brincavam entre eles. A preocupação se dava nos aspectos das brincadeiras, sobretudo, da sexualidade, e ele ressaltava que se deveria ter um cuidado quando os meninos ficavam muito próximos (DIÁRIO DE CAMPO 3, 13/04/2009).

Ao refletir sobre o tema, conta-se com as contribuições de um autor clássico nos estudos da infância que mencionava estes elementos. Winnicott (1979) ressalta que boa parte das brincadeiras infantis, consideradas por ele normais e sadias, pode trazer relações com a sexualidade e o simbolismo atrelado a elas, o que não implica necessariamente que quando as crianças brincam estão sempre sexualmente excitadas. E ainda que, uma “forte inibição sexual seguir-se-á uma inibição lúdica” (WINNICOTT, 1979, p. 171).

Acerca do simbolismo apontado por este autor, em uma das idas à instituição, começamos, eu e alguns meninos, a confeccionar patinhos de papel (origami). O foco dos garotos, em princípio, era na construção do brinquedo, em aprender como fazer e suas diversas possibilidades. Com o desenrolar da brincadeira um deles pega o pato de papel e coloca em cima do outro, e diz a seguinte frase: - Devagar se não dói. Emitindo som de gemidos. O outro menino presente diz que já sabe do que se trata e faz um gesto com a mão remetendo a uma penetração, e me pergunta afirmando: - É isso, né tia?! Mas tem que ser com respeito (DIÁRIO DE CAMPO 11, 30/04/2009).

Como em outros aspectos da casa-lar, o trato com a sexualidade dependia, em grande medida, da pessoa responsável naquela situação e suas respectivas concepções de corpo e educação.



Presenciei algumas situações que envolviam a sexualidade e as posturas que mais apareceram foram de repressão ou silêncio, como disse anteriormente. Contudo, salientam-se outros modos de enfrentamento e educação acerca da questão da sexualidade no desenvolvimento dos meninos na casa-lar, como pode ser observado nos trechos de entrevistas, da cuidadora/educadora e da assistente social, respectivamente, que seguem:

Uma que eles tão se descobrindo, mas eles já se descobriram faz horas, eu disse pra eles: - Vocês já descobriram que vocês têm peru aí, que ele fica duro a hora que vocês querem que ele fique, só que isso guarda pra vocês, é uma intimidade de vocês e quando vocês crescerem que casarem, ou tiverem sua namorada, a intimidade é de vocês em conjunto, namorada/namorado, marido/mulher, agora, assim, um desrespeitando o corpo do outro (ENTREVISTA A., 22/06/2009).

Até porque a realidade das crianças e adolescentes que a gente atende, é uma realidade que eles vêm já com essa visão. Que as vezes eles não tem a malícia, mas eles viam, eles eram incentivados, acontecia muito com eles, então eles acabam aflorando isso, e pra eles era bom, de uma forma ou de outra, aqueles que foram pegos na situação do assédio, era bom. Então eles sentem essa falta, porque era uma forma de ter carinho, era uma forma que pra eles de sentir uma coisa boa. De prazer. Então eles buscam isso nos meninos que moram aqui (ENTREVISTA S., 23/06/2009).

Araújo (2008) colabora com a reflexão sobre a sexualidade, especialmente, no contexto dos abrigos, afirmando-a enquanto elemento de descoberta e experimentação do corpo. A autora ressaltou “que tendo um convívio tão próximo, sem relação de parentesco, acaba por facilitar essas trocas erótico-sexuais, tomando forma muitas vezes de abusos” (ARAÚJO, 2008, p. 68). Como discutido, o abuso se dá pelo sujeito não ter o discernimento se deseja ou não a experiência em se tratando, sobretudo, do fato de que esta será vivenciada com o outro. A concepção acerca da sexualidade da assistente social e cuidadora/educadora, ou seja, de pessoas que interferem e orientam diretamente a educação dos sujeitos, indicam que consideram este período de descoberta, mas que se deve respeitar o outro e a si próprio.

Estes outros olhares para o problema sugerem uma intenção de não se omitir dele e a necessidade de desvincular a sexualidade da noção moralista e proibitiva, o que dá indicativos de uma educação mais humanizada. A sinceridade do primeiro discurso, ainda que possa ser problematizado, possibilita abertura, por exemplo, para que os meninos possam tirar suas dúvidas e ressalta a importância do respeito entre os sujeitos. Dá indícios também para se analisar sobre a sexualidade dos meninos, refletindo que as manifestações físicas no corpo masculino ao ser excitado são evidentes para si e para o outro o que pode causar, além da sensação, uma possibilidade de descoberta e, inclusive de brincadeira. Na segunda entrevista, percebe-se um reconhecimento da sexualidade enquanto manifestação desde a infância, e que esta é atrelada às sensações de prazer, assim, essas questões não podem ser negadas quando se pensa em discutir criticamente sobre sexualidade infanto-juvenil.



O gênero e as manifestações da sexualidade dos meninos na instituição, acredita-se, vêm sendo constituídos a partir de diversos fatores: o histórico de vida que pode estar relacionado à violência sexual, as relações sociais no interior e no exterior do abrigo, a influência da mídia, a própria biologia, e as descobertas do corpo. Assim compartilha-se com Le Breton (2006, p. 31) quando afirma que “No fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico”.

É necessário ressaltar que a questão do gênero masculino e da sexualidade na infância e juventude é complexa. Torna-se, assim, uma temática emergente e que deve ser discutida, visto que atravessa diversos ambientes educacionais que promovem a formação humana, portanto, merece ser muito mais aprofundada do que permitiu e foi objetivo deste artigo. Mais especificamente, o campo da Educação Física, por suas contribuições acerca do conhecimento acumulado sobre o corpo e suas relações necessita apropriar-se de mais elementos no que concerne a gênero e sexualidade, a fim de repensar as intervenções contribuindo para a reflexão de fato crítica e para a emancipação dos sujeitos.

Bibliografia

ARAÚJO, Suzana Almeida. Jovens identificados como autores de abuso sexual: sentidos da violência [dissertação]. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina; 2008. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~ppgp/Suzana%20Almeida%20Araujo.pdf>. Acesso em: 28/08/2009

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1995.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Classe, raça e gênero na contemporaneidade. *II Congresso Internacional Cotidiano - Diálogos sobre Diálogos*. Universidade Federal Fluminense – Faculdade de Educação, 2008. Disponível em: http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Guacira.pdf. Acesso em: 11/11/2009.



NECKEL, Jane Felipe. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira et al (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade:** um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2003.

ZALUAR, Alba. Masculinidades, crises e violências. In: **Integração perversa:** pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo.** CABRAL, Álvaro (trad.). 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.